

MODERNIDADE EUROCÊNTRICA IDEALIZADA NO CRIVO DA CRÍTICA PÓS-COLONIAL¹

Eurocentric modernity idealized in the sieve of Postcolonial criticism

ZIMMERMANN, Clóvis Roberto²

Resumo: Esse artigo tece reflexões sobre o uso do conceito "moderno" na América Latina, que comumente está associado à evolução espacial e temporal da Europa Ocidental e América do Norte. Em virtude disso essa interpretação envolve uma concepção idealizada e evolucionista da modernidade, que se encontra fora da região ou, se dentro da América Latina, em algum momento no futuro. A consequência disso é que o conceito de modernidade tende a ser útil na descrição e prescrição de um possível futuro da América Latina, não o seu presente. O objetivo desse artigo é problematizar o conceito de modernidade, importado e associado ao paradigma evolucionista, destacando as perspectivas críticas e alternativas do debate latino-americano, cuja contribuição traz novas e instigantes descobertas. Ao final traz a sugestão de utilizar tipos ideais de modernidade na América Latina, visando transgredir a ideia de singularidade e de uniformidades.

Palavras-Chave: Modernidade; América Latina; Crítica pós-colonial.

Abstract: This article presents reflections on the use of the "modern" concept in Latin America, which is commonly associated with the spatial and temporal evolution of Western Europe and North America. Because of this widespread understanding of evolutionary idealized modernity, modernity is often considered to be outside the region or, if within Latin America, at some point in the future. The consequence of this is that the concept of modernity tends to be useful in describing and prescribing a possible future of Latin America, not its present. The objective of this article is to problematize the term modernity, associated with the evolutionary paradigm and to highlight the alternative contributions of the Latin American debate, whose contribution brings new and thought-

¹ Enviado em: 25 Mai. 2022 | Aceito em: 03 Fev. 2023.

² Universidade Federal da Bahia (UFBA). <https://orcid.org/0000-0002-4363-5327>. Doutor em sociologia pela Universidade de Heidelberg (Ruprecht-Karls). Professor associado de Sociologia e da pós-graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia. clovis.zimmermann@gmail.com

provoking discoveries. At the end, it brings the suggestion of using types of ideas of modernity in Latin America, aiming to transgress the idea of singularity and uniformities.

Keywords: Modernity; Latin America; Postcolonial critique.

1. Introdução

Há um certo consenso de que as abordagens existentes sobre a teoria sociológica latino-americana até agora tiveram apenas um desempenho pífio no que tange à formação de teorias que procuram analisar a modernidade de forma autóctone no continente (Costa, 2018; Mascareño 2010; Costa e Boatca 2010, Tavolaro, 2005). Esses autores partilham da visão de que o termo "moderno" na América Latina abrange uma associação *espacial e temporal* com a modernidade da Europa Ocidental, mais tarde com a América do Norte também. Por causa dessa compreensão de modernidade, os estudiosos desse continente usualmente consideram que a modernidade é encontrada fora da região ou, se dentro da América Latina, de forma limitada e precária ou em algum momento no futuro. O dilema disso tudo é que os desdobramentos das teorias da modernidade implicam muito mais em prescrições para o futuro da América Latina do que em análises dos seu presente.

A definição da modernidade como uma formação social geográfica e/ou temporalmente distante é também a consequência da falta de produção de teorias históricas e sociológicas autóctones na região. Consequentemente, as experiências latino-americanas de modernidade são constantemente interpretadas como atrasadas, como expressões de uma modernidade "incompleta", "inconclusa" (Martins, 2000)³ uma vez que não atenderiam às condições de uma conquista "completa" da modernidade descrita por essas teorias, na maioria das vezes idealizando autores da Europa. Mascareño (2010) também ressalta a falta de produção de teorias na região, mas destaca que a importação de teorias representou um verdadeiro bloqueio teórico, pois a modernidade latino-americano é apresentada enquanto uma versão secundária ou imperfeita da modernidade

³ A perspectiva de José de Souza Martins está totalmente atrelada ao evolucionismo eurocêntrico, pois para esse autor "é modernidade, mas sua constituição e difusão se enredam em referenciais do tradicionalismo sem se tornar conservadorismo [...] estamos em face do inconcluso, do insuficiente, do posticho" (Martins, 2000, p. 54). O trágico dessa citação é que há uma completa idealização da modernidade eurocêntrica, cuja difusão seria por aqui sem a resistência de atores e seus interesses.

européia. Isso aconteceria porque parte das análises latino-americanas são baseadas na assunção de que a Europa e a América do Norte são modelos empíricos para a análise da América Latina. O racionalismo, o positivismo assim como as teorias da modernização (individualização e diferenciação funcional) dos anos 50 e 60 foram ou são tidos como paradigmas formativos. Problema disso é que a referência aos desenvolvimentos do norte global e sua teorização são totalmente idealizados, senão inexistentes, além de controversos. Em artigo recente, Leanza e Paul (2021) questionam a idealização da teoria da modernização, como "Racionalização", "Diferenciação funcional" e "individualização", sugerindo que devem ser questionados não apenas pelo uso eurocêntrico, mas pela sua própria existência. Os autores argumentam que a história europeia dos últimos 200 anos é repleta de líderes carismáticos, personalismos, regimes autoritários, falta de diferenciação funcional, guerras como também pela formação de novas formas de comunidades e identidades coletivas, como a nação e o nacionalismo.

O dilema disso tudo é que teorias são transferidas de forma bastante idealizada para o contexto latino-americano, apresentadas como inevitáveis e/ou desejáveis. O problema não está somente na recepção de teorias estrangeiras, mas sim no ímpeto que está associado à aquisição irrefletida e idealizada, pressupondo que na Europa há civilização enquanto que isso não existiria na América Latina. Em virtude disso tendemos a ser considerados um produto fracassado do progresso todavia perdido. Para Mascareño (2010) esse tipo de reflexão giraria em torno de uma teologia e uma hierarquia ininterrupta, causando um bloqueio estrutural do conhecimento na região.

Contudo, desde os anos 60 do século passado, o surgimento da teoria da dependência marcou o início de uma reflexão própria e a problematização da questão da assimetria entre Norte e Sul Global. O início do século 21 é marcado pelo surgimento de teorias pós-coloniais, sendo que os interesses centrais da sociologia pós-colonial é apontar e analisar o profundo entrelaçamento entre colonialismo e modernidade (Quijano, 2013), algo que a maioria das teorias sociológicas clássicas da modernidade negligencia. As teorias pós-coloniais assumem que a modernidade deve ser vista como um fenômeno genuinamente global assim como colonial, como algo que não foi inventado nos países europeus e depois difundido pelo mundo, mas sim que surgiu em impérios coloniais que já eram globais - não na Inglaterra, mas no Império Britânico, não na França, mas no império colonial ibérico (Conrad e Randeria, 2002). Assim sendo, o objetivo deste

artigo é problematizar o termo modernidade, associado ao paradigma evolucionista idealizado e destacar as importantes reflexões sobre as novidades do debate latino-americano desse conceito. Minha tese é de que as reflexões latino-americanas têm contribuído para complexificar o debate sobre a espacialidade e temporalidade na teoria sociológica, impulsionando inclusive reações acaloradas na sociologia europeia.

2. Discursos sobre a modernidade na América Latina

Sérgio Costa (2018) apresenta quatro fases ou tipos distintos da pesquisa e da história do discurso da modernidade observados na América Latina, quais sejam:

1. Modernidade através de um transplante. Domingo F Sarmiento (1811-1888) em seu livro “Facundo, ou Civilização e Barbarie”, teria sido o primeiro intelectual a discutir sistematicamente as possibilidades e problemas de aplicar o conceito de modernidade na América Latina. A transferência da civilização europeia para a Argentina, segundo Sarmiento, não podia ser realizada transferindo apenas instituições europeias para o continente americano; Sarmiento afirma que os europeus deveriam migrar para a Argentina e substituir os locais para garantir o progresso. Essa política é consistente com o racismo científico europeu do final do século 19 até a década de 1920, que teve ampla recepção nos países latino-americanos. Na maioria dos países, as teorias raciais foram em sua maioria tomadas estritamente ao pé da letra para concluir que a construção de uma nação moderna só poderia ser alcançada substituindo a população indígena e negra por imigrantes europeus, o que comumente se chamou de “branqueamento” visando levar à “europeização”, isto é, ao clareamento da cor da pele da população total (COSTA, 2018). Diante das dificuldades em realizar uma substituição total da população latino-americana pela europeia surgiu uma segunda concepção de modernidade.

2. Modernidade como autotransformação. Esse segundo período marca a busca sistemática nas ciências sociais por uma maneira de superar as diferenças estruturais entre as sociedades latino-americanas e as “modernas” europeias, que começou a tomar forma na década de 1930, particularmente com a recepção da sociologia de Max Weber. Um exemplo paradigmático seria o livro “Raízes do Brasil” do historiador social brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902–1982) publicado em 1936, que fornece uma

interpretação dos atrasos e déficits de modernização do Brasil em comparação com os modelos da Europa Ocidental (o alemão em particular). Segundo o seu livro, as colonizações portuguesa e espanhola tiveram muitas dificuldades em construir uma sociedade baseada na ética do trabalho, numa ordem impessoal e racionalmente legítima. Ao contrário, os portugueses inclusive chegaram a se adaptar aos costumes e práticas dos indígenas, tidos com preconceito pelo autor como primitivos.

Habituar-se também a dormir em redes, à maneira dos índios. Alguns, como Vasco Coutinho, o donatário do Espírito Santo, iam ao ponto de beber e mascar fumo, segundo nos referem testemunhos do tempo. Aos índios tomaram ainda instrumentos de caça e pesca, embarcações de casca ou tronco escavado, que singravam os rios e águas do litoral, o modo de cultivar a terra ateando primeiramente fogo aos matos. A casa peninsular, severa e sombria, voltada para dentro, ficou menos circumspecta sob o novo clima, perdeu um pouco de sua aspereza, ganhando a varanda externa: um acesso para o mundo de fora (Holanda, 1995, p. 47).

Essa citação ilustra a adaptabilidade dos portugueses aos costumes existentes por aqui. Além disso, as instituições estatais e os servidores públicos agiam inteiramente de acordo com a lógica dos interesses privados e da lealdade interpessoal, um Estado burocrático moderno com sua divisão racional do trabalho e sua hierarquia meritocrática não tinha se formado na América Latina (Holanda, 1995). Em sua discussão sobre o contraste entre o Brasil e as “sociedades modernas”, 'modernidade' significa claramente uma estrutura social complexa definida por estruturas sociais específicas (vida urbana priorizada, controle político sobre grandes proprietários de terra, separação da política, economia, família etc.), assim como valores específicos (ética de trabalho, secularismo), bem como as propriedades pessoais "modernas" correspondentes (individualismo, autonomia e racionalismo) (Costa, 2018). Nota-se que há uma completa idealização dos valores tidos como modernos na Europa, amplamente contestados por Leanza e Paul (2021). Para a construção da modernidade no Brasil, a herança ibérica passa a ser sinônimo de “atraso” e anacronismo por oposição à herança protestante nórdica. Por isso que Sérgio Buarque apresenta um sentido agudo de algo que irá faltar a vários continuadores desta mesma tradição: “a necessidade de se articular de algum modo nosso ser real com uma bem-vinda influência futura do modelo protestante idealizado’ (Souza, 1998, p. 10).

Em que pese a forte influência das teorias da modernização evolucionista, algumas premissas começaram a ser questionadas em meados da década de 1960, especialmente pelos defensores da teoria da dependência e posteriormente pela teologia da libertação como analisado abaixo.

3. Teoria da dependência. Segundo Costa (2018), a principal contribuição das teorias da dependência para os estudos da modernidade consiste em explorar as interdependências entre o subdesenvolvimento e o desenvolvimento. Os teóricos da dependência contestaram postulações baseadas na teoria da modernização, como a natureza supostamente endógena da modernização assim como o dualismo da antítese aguda “entre modernidade e tradição” (Knöbl, 2015, p. 6).

Sabe-se que a teoria da dependência incorporava tanto marxistas como também reformistas, que segundo Costa (2018) concordaram em um ponto: o subdesenvolvimento, “ou o padrão de desenvolvimento dos países dependentes”, não é um estágio preliminar cronológico e lógico de desenvolvimento como experimentado pelos países industrializados. Em vez disso, o desenvolvimento e o subdesenvolvimento sempre estiveram correlacionados, uma vez que os países dependentes “foram integrados à força no sistema capitalista mundial pelos países dominantes”. Os teóricos da dependência contestaram a afirmação da teoria da modernização de que a modernidade começou primeiro na Europa e depois se expandiu globalmente.

Para a sociologia da dependência, os processos de modernização experienciados nos últimos dois séculos tiveram intensidade e profundidade suficientes para varrerem de nossa gramática social elementos de ordem tradicional. Isso não significa, porém, que o Brasil tenha incorporado exatamente o mesmo padrão de sociabilidade das ditas “sociedades modernas centrais”. É a insuperada condição de “dependência estrutural”, marcando a economia brasileira desde os momentos primeiros de sua formação, que acaba por assumir o papel de “variável independente”, supostamente capaz de explicar a pretensa particularidade do padrão de sociabilidade que se consolidou entre nós (Tavolaro, 2005, p.10).

Para os defensores da abordagem da dependência, a modernidade sempre fez parte da intensificação das relações da Europa com o resto do mundo, algo recentemente bastante tematizado pelas teorias pós-coloniais⁴, conforme veremos a seguir.

2.1. Teorias pós-coloniais

Para Aníbal Quijano (1992), a formação de uma nova ordem mundial iniciou com a “conquista”⁵ das sociedades e culturas que habitaram o que hoje se chama de América Latina. Esse processo envolveu, por um lado, a concentração brutal dos recursos mundiais, sob o controle e em benefício da reduzida minoria europeia e de suas classes dominantes. Segundo esse autor, a América Latina teria sido tanto um espaço original como o tempo inaugural do período histórico e do mundo que ainda habitamos. Ou seja, foi a primeira “entidade/ identidade histórica do atual sistema mundo colonial/ moderno e de todo o período da modernidade” (Quijano, 2005, p. 9).

Para Quijano (2005), a modernidade como categoria teria surgido no século XVIII, contudo as mudanças sociais pertinentes já haviam sido desencadeadas com a “conquista” da América no final do século XV. No contexto de um novo “histórico totalidade” que conecta a Europa e a América, a modernidade se concretiza especialmente através do tráfico de pessoas e mercadorias, algo somente possível através do estabelecimento de um sistema de dominação social, que teve como elemento fundador a

⁴ Além das teorias decoloniais, aparecem como concepção recente as propostas de “modernidades múltiplas”, inicialmente desenvolvidas por Shmuel Eisenstadt (2000) e desenvolvidas na América Latina por Tavolaro (2005), Mascareño (2010) e Domingues (2016) dentre outros que abordam o caminho de desenvolvimento da modernidade na América Latina como um caso específico e particular. Segundo Tavolaro (2005), ao invés de reduzir as diversas configurações institucionais e sociais experienciadas ao longo da recente história em um supostamente único tipo de configuração moderna, abrir-se-ia um caminho alternativo em que se considere os mais *padrões variados de diferenciação/complexificação social*, de *secularização* e de *separação público/privado* no decorrer de nossa história. Nota-se que as dimensões trazidas para as comparações são as tipicamente atrelados aos padrões eurocêtricos de análise da estrutura social. Interessante nessa proposta é a ideia de considerar os diversos padrões históricos, contudo, poderiam fugir de dimensões eurocêtricas idealizadas, tais como secularização, separação público privado etc.

⁵ “En America Latina, la represión cultural y la colonización del imaginario, fueron acompañadas de un masivo y gigantesco exterminio de los indígenas, principalmente por su uso como mana de obra desechable, además de la violencia de la conquista y de las enfermedades. La escala de ese exterminio (si se considera que entre el area azteca-maya-caribe y el area tawantinsuyana fueron exterminados alrededor de 35 millones de habitantes, en un periodo menor de 50 años) fue tan vasta que implicó no solamente una gran catastrofe demografica, sino la destrucción de la sociedad y de la cultura” (Quijano, 1992, p. 13).

ideia de *raça*. Para Quijano (2005) essa seria a primeira categoria social da modernidade, uma vez que tal divisão não teria existido previamente. Assim sendo, a categoria *raça* teria sido um produto mental e social específico daquele processo de destruição de um mundo histórico e de estabelecimento de uma nova ordem, de um novo padrão de poder. Por isso, esse novo padrão de poder teria emergido de modo naturalizado através da imposição das novas relações impostas aos sobreviventes desse mundo em destruição. Quijano (2005) argumenta convincentemente de que os dominados seriam o que são não em virtude de serem vítimas de um conflito de poder entre dois mundos distintos, mas sim enquanto inferiores⁶ em sua natureza social e na sua capacidade de produção histórico-cultural. Em virtude disso a ideia de *raça* acabou sendo tão profunda e continuamente imposta nos séculos seguintes e sobre o conjunto da espécie que, para muitos, desafortunadamente ficou associada “não só à materialidade das relações sociais, mas à materialidade das próprias pessoas” (Quijano, 2005, p. 17).

A consequência disso é que, para Quijano (2005), esse nexos entre a América e a Europa foi essencial na formação da modernidade, pois a expulsão dos mouros e judeus naquele continente teria sido compensada pelos frutos comerciais do trabalho escravizado e não remunerado na América Latina. A escravização foi possível através de uma estrutura de controle do trabalho baseada na *raça*, que classificou os povos indígenas e africanos sequestrados como *raças inferiores* e os forçou a trabalhos não remunerados, não pagos, levando os países europeus a se firmarem como centro de dominação mundial.

Sem esse des/encontro, que confluía com os desastrosos efeitos da expulsão de mouros e judeus sobre a produção material e cultural, não se poderia explicar por que, nada menos do que com os ingentes benefícios comerciais obtidos com os minerais e vegetais preciosos produzidos na América com o trabalho não pago de “índios” servos e de “negros” escravos, a futura Espanha estava ingressando, sob todas as aparências contrárias, em um prolongado curso histórico, que a levou do centro do maior poder imperial até o duradouro atraso de uma periferia, no novo sistema-mundo colonial/ moderno (Quijano, 2005, p. 11).

⁶Tragicamente isso implicou na morte de mais de 100 milhões de pessoas no continente. “Em pouco mais de três décadas, as primeiras do século XVI, de mais da metade da população dessas sociedades, cujo total imediatamente antes de sua destruição é estimado em mais de cem milhões de pessoas” (Quijano, 2005, p. 16). Não bastasse isso, houve também a eliminação deliberada de muitos dos mais importantes produtores, não somente os portadores dessas experiências, mas também seus dirigentes, seus intelectuais, seus engenheiros, seus cientistas, seus artistas.

A contribuição sociológica relevante das teorias pós-coloniais e decoloniais reside no fato de que há um deslocamento do foco de regiões individuais para um emaranhado de relações entre e além das diferentes regiões. Com isso a noção de modernidade torna-se descentrada espacial e temporalmente, não sendo mais encontrada na Europa e/ou na América, mas moldada desde o seu início por relações de poder coloniais e pós-coloniais entre a Europa e o "resto" do mundo.

As reflexões de Quijano fizeram com que recentemente diversos estudiosos latino-americanos se baseassem em suas percepções, bem como nas discussões internacionais em torno do paradigma da modernidade emaranhada para enfatizar as interconexões entre os processos globais atuais e as transformações observadas na América Latina. Segundo Costa (2018), além das contribuições macrosociológicas que iluminam de forma convincente as interdependências entre os desenvolvimentos "modernos" na Europa (a Revolução Industrial, o Iluminismo etc.) a escravidão e o colonialismo nas Américas, alguns autores também aplicaram a estrutura descolonial/pós-colonial para estudar fenômenos observados na América Latina nos níveis meso-sociológico e micro-sociológico. O primeiro diz respeito às discussões sobre democratização e nexos entre instituições políticas e desigualdade, enquanto o nível micro aborda o descentramento de sujeitos políticos e a desconstrução de identidades culturais reificadas por políticas multiculturais (neo) liberais na região.

Nessa linhagem aparecem os estudos da socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (2010) que destaca que numa sociedade colonial como a da Bolívia, a imagem de uma nação moderna possível e desejável é atravessada por forças divisórias como a identidade étnica e a dominação colonial, que correm sob a aparente igualdade promovida pelo mercado: o modelo de cidadania e a democracia. A autora propõe, em contraposição ao olhar intelectual liberal, nacionalista ou marxista, uma compreensão hermenêutica que interprete e reflita sobre a nação boliviana no sentido da organização, valores e forças morais que normalizam a sociedade. Assim sendo, a autora sugere o questionamento de categorias de análise que acabam por repor relações coloniais. Modernidade significa nesse contexto um novo sentido de "pertenencia a una nación posible, plural y abierta, en la que se reconozca la heterogeneidad social no como un obstáculo sino como una fuente enriquecedora de una otra modernidad que, en la diferencia, sea capaz de superar las

derrotas y frustraciones colectivas que la historiografía tradicional ha expuesto reiteradamente” (Cusicanqui, 2015, p. 90).

Modernidade na concepção de Cusicanqui (2015, p. 210) está em consonância com o ch'ixi, um modo de ver as coisas que se refere literalmente ao cinza manchado, formado a partir de um infinidade de “puntos negros y blancos que se unifican para la percepción pero permanecen puros, separados. Es un modo de pensar, de hablar y de percibir que se sustenta en lo múltiple y lo contradictorio, no como un estado transitorio que hay que superar (como en la dialéctica), sino como una fuerza explosiva y contenciosa, que potencia”. Central no argumento de Cusicanqui é uma concepção que se sustenta no múltiplo e no contraditório, uma modernidade que se opõe às ideias de sincretismo, hibridez e a dialética da síntese, que estariam sempre na busca do unívoco, superando as contradições por meio de um terceiro elemento, harmonioso e completo em si mesmo. Da mesma forma, a autora se contrapõe à lógica do desenvolvimentismo (produtivismo) assim como a lógica instrumental, sugerindo a possibilidade de um novo paradigma, que permite ser um espaço aberto fora do tempo linear e monológico:

Sin embargo, en un espacio afuera del tiempo lineal y monológico de la modernidad capitalista, lejos del mundanal ruido de computadoras y señales de internet, las imágenes del indio caminante y la tejedora emancipada seguirán latentes hasta que se abra un nuevo resquicio por donde filtrarse para contribuir a una emancipación futura (Cusicanqui, 2015, p. 219).

As contribuições de Cusicanqui são interessantes uma vez que procura encontrar categorias de análise a partir da história oral dos povos indígenas. Situa-se nos marcos de uma micro-sociologia, rompendo com o mito de povos indígenas atolados em isolamento e pobreza e enclausurados em um passado de imobilidade e melancolia cognitiva.

Nesse contexto, sugiro pensar a modernidade na América Latina através do entrelaçamento entre as categorias natureza e produção, sendo que a dimensão da natureza engloba questões identitárias, valores e modos de vida relevantes para os povos indígenas e afros. A categoria da produção trabalharia com a dimensão instrumental, preocupação central de Sérgio Buarque de Holanda e outros autores. Por isso proponho três tipos ideais da modernidade latino-americana, quais sejam:

1. Modernidade não produtivista (Bem Viver). Esse tipo de concepção tem sido fomentada pelos povos indígenas e todo um conjunto de povos tidos como tradicionais tanto no Brasil⁷ como nos demais países latino-americanos⁸. O que marca esse tipo ideal é um modo de vida de convivência e equilíbrio com a natureza e com outros seres humanos em busca do bem viver. Os processos produtivos são realizados sem a criação de largos excedentes, sendo que relações de troca e reciprocidade são predominantes. Este tipo ideal é inspirado na cultura ancestral dos povos indígenas bem como nos princípios de equidade social e sustentabilidade ambiental, sendo fundamental para a preservação da espécie e do planeta. Mesmo com essa contribuição relevante ao futuro do planeta, os povos desse tipo ideal são estigmatizados e muito excluídos das políticas públicas no continente.
2. Modernidade Híbrida - A noção de hibridismo vem de Bhabha (1994), entendida como um procedimento que combina processos culturais com elementos novos, produzindo efeitos distintos em situações diferentes. Em termos de tipos ideais na América Latina, a modernidade híbrida se caracterizaria pela junção de um modo de vida de convivência e equilíbrio com a natureza com relações de mercado. Aqui podem ser caracterizadas relações econômicas informais, de mercado, mas com uma produtividade relativamente pequena.
3. Modernidade produtivista – Trata-se de todos os povos que incorporaram idealizadamente características e traços da razão instrumental, do racionalismo, do positivismo assim como das teorias da modernização. Esse tipo ideal é caracterizado pelo desequilíbrio entre humanos e a natureza, sendo os processos produtivos realizados pela busca incessante do lucro, pela produção de excedentes e por relações de mercado. Trata-se de um tipo de modernidade que destrói a natureza e põe em questão o futuro do planeta. Mesmo assim, os povos desse tipo

⁷ Entre os povos e comunidades tradicionais do Brasil estão quilombolas, ciganos, matriz africana, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, comunidades de fundo de pasto, faxinalenses, pescadores artesanais, marisqueiras, ribeirinhos, varjeiros, caiçaras, praieiros, sertanejos, jangadeiros, ciganos açorianos, campeiros, varzanteiros, pantaneiros, caatingueiros, entre outros.

⁸Na América Latina existem atualmente 522 povos indígenas que vivem desde a Patagônia até o norte de México, passando por distintas áreas geográficas como Amazônia, Andes, Caribe Continental, Baixa América Central e Mesoamérica.

ideal são os menos estigmatizados e os mais incluídos nas políticas públicas no continente.

3.Considerações finais

Esse artigo demonstra que o termo modernidade na América Latina foi apropriado por elites políticas, econômicas e acadêmicas em diferentes fases e épocas, tendo como pano de fundo uma relação temporal e espacial com a Europa e posteriormente com os Estados Unidos. É evidente que há uma apropriação idealizada e acrítica dessas teorias trazidas de fora do continente, lançadas por aqui como se fossem aceitas em seu contexto original sem nenhuma controvérsia. Por isso defendo a tese de que as teorias trazidas de fora do continente são profundamente idealizadas, sendo que podemos questionar inclusive o dito caráter eurocêntrico da teoria da modernização, tais como "Racionalização", "Diferenciação funcional" e "individualização", pois tais processos são bastante questionados naquele continente. A história europeia dos últimos 200 anos foi repleta de líderes carismáticos, personalismos (Hitler, Mussolini etc), regimes autoritários, falta de diferenciação funcional, guerras como também pela formação de novas formas de comunidades e identidades coletivas, como a nação e o nacionalismo.

A concepção de modernidade eurocêntrica idealizada e apropriada acriticamente aqui na América Latina pode ser caracterizada de **modernidade produtivista**, moldada pela razão instrumental e pelo domínio e extermínio da natureza. Os defensores desse tipo de modernidade exercem enorme pressão no sentido de moldar o continente a seguir seu modo de vida. Entretanto, insatisfeitos com essa episteme, diversos autores criaram as teorias pós-coloniais, ganhando relevo uma concepção de vida baseada **na modernidade não produtivista (Bem Viver)**, que aceita maneiras distintas de viver, valorizando a diversidade cultural, a interculturalidade, a plurinacionalidade e o pluralismo político. Tão importante como isso é a busca pela preservação da natureza, a não aceitação da destruição da Natureza bem como a exploração dos seres humanos, nem a existência de grupos privilegiados às custas do trabalho e sacrifício de outros. A grande contribuição da América Latina para os desafios contemporâneos reside no fato de estarmos criando teorias próprias, baseadas em reflexões já há muito tempo existentes

no continente e que podem ser muito relevantes na superação de teorias utilitaristas e idealizadas.

REFERÊNCIAS

- Acosta, A. (2016). *O Bem Viver – Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Editora Autonomia: Literária Editora Elefante.
- Bhabha, H. (1994). *The Location of Culture*. London & New York: Routledge.
- Conrad, S., und Randeira, S. (Orgs. (2002). *Jenseits des Eurozentrismus. Postkoloniale Perspektiven in den Geschichts- und Kulturwissenschaften*. Frankfurt am Main, New York: Campus.
- Costa, S.; Boatca, M.(2010). La sociología poscolonial. Estado del arte y perspectivas. *Estudios Sociológicos*, 28 (83), 2010, p. 335-35.
- Costa, S. (2018). The research on modernity in Latin America: Lineages and dilemmas. *Current Sociology*, p. 838-855.
- Cusicanqui, S. (2010). *Ch'ixinakax utxiwa*. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, Pinturas.
- Cusicanqui, S. (2015). *Sociología de la imagen: ensayos*. Buenos Aires: Tinta Limón.
- Domingues, J. (2016). Questões Sociais Existenciais, Tendências de Desenvolvimento e Modernidade. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, 59 (1), p. 203-231.
- Eisenstadt, S. N. (2000). *Die Vielfalt der Moderne*. Weilerswist: Velbrück Wissenschaft.
- Feres Júnior, J. Introdução a uma crítica da modernidade como conceito sociológico. In: *Revista Mediações (UEL)*, 15, p. 28-41.
- Freyre, G. (2002). *Casa Grande & Senzala*. 46ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Holanda, S. (1995). *Raízes do Brasil*. 26ª edição. São Paulo: Companhia das Letras.
- Knöbl, W. (2015). Reconfigurações da teoria social após a hegemonia ocidental. In: *Revista brasileira de Ciências Sociais*. 30 (87), p. 5-18.
- Leanza, M.; Paul, A. (2021). Kolonialismus und globale Moderne. Jenseits der Vereinfachungen. *Soziologie*, 50 (2), p. 150-165.
- Martins, J. (2000). *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo, Hucitec.

Mascareño, A. (2010). Soziologische Erkenntnisblockaden und der lateinamerikanische Weg der Moderne. *Leviathan*, 26, p. 336-356.

Meinhof, M. (2020). Postkoloniale Soziologie oder Soziologie des Kolonialismus? Irritationspotentiale postkolonialen Denkens für die Soziologie. *Soziologie*, 49 (4), p. 410-422.

Prado Júnior, C. (2001). *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. 23ª Edição. São Paulo: Ed. Brasiliense.

Quijano, A. (2000). Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America. *Nepantla: Views from South*, 1, p. 533-580.

Quijano, A. (1992). Colonialidad y modernidad/racionalidade. In: *Perú Indígena*, Lima, 12 (29), p.11-20.

Quijano, A. (2005). Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. In: *Estudos avançados*, 19 (55), p.9-31.

Souza, J. (1998). A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 13 (38), p. 1-20. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v13n38/38jesst.pdf>. Acesso: 10.05.2021.

Tavolaro, S. (2005). Existe uma modernidade brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 20 (59), p. 5-22.